

(Nota: Este texto é um original de Alexandre da Conceição ,incluído em «Ensaio de Crítica Literária» .Para uma melhor e mais compreensiva leitura, apenas se introduziram ligeiras alterações à grafia, sem, contudo, lhe alterar a fonologia.)

TIPOS DA MINHA TERRA

O THOMÉ RONCA

I

O Thomé Ronca era um robusto pescador ilhavense, alto, musculoso, tranquillo e solidamente construído como um luctador romano. Tinha apenas vinte oito annos e era já arraes de uma companhia. Conquistára este logar proeminente entre duzentos companheiros de trabalho, por actos d'um heroismo brutal e impertubavel.

Thomé Ronca tinha a força muscular de um athleta e a coragem impassivel d'um duellista. Nunca deixava de ir ao mar por mais ruim que elle estivesse, senão quando a sua companhia se recusava terminantemente a segui-lo.

Tinha um syllogismo acerca de naufrágios; não acreditava n'elles pela razão obvia de que, sendo o barco de taboas e não indo as taboas ao fundo, é claro que não ia ao fundo o barco.

No inverno os pescadores de Ilhavo vão trabalhar para o Tejo, e, antes da abertura do caminho de ferro do Norte, faziam a viagem a pé, em bandos, seguindo todo o littoral. Por ocasião de uma d'essas viagens o Thomé Ronca ao passar em Buarcos viu um barco desarvoado e sem governo a 400 ou 500 metros da costa, em riscos de se despedaçar contra os rochedos que o cabo Mondego manda para o mar como raizes d'uma arvore enorme, e sem que ninguém se atrevesse a accudir áquelles desgraçados que faziam signaes de desespero e soltavam grjtos afflictivos. Na praia ia uma confusão e um alarido indescriveis. Os homens praguejavam desordenadamente e as mulheres corriam desatinadas pela praia soltando gritos ululantes, que o vento e o forte sussurro das vagas confundiam e dispersavam no ar dando-lhes vibrações elegíacas e confrangentes.

Thomé Ronca aproximou-se do grupo mais numeroso dos homens com os olhos illuminados, e sentindo os arrepios sagrados do seu heróico entusiasmo de homem do mar, clamou como um trovão para o grupo:

-Eh! almas do diabo! Então não ha ahi um raio do diabo que acuda áquella gente?

-Quem è que *lhe* ha-de acudir, com o mar que faz? perguntavam os do grupo assomados e em tom de desespero.

-Quem lh'ha-de acudir?... Acudo-lhe eu, já que vocês, seus almas do diabo, nem para fiar na roca servem!

E ás ultimas palavras Thomé Ronca pegava na ponta d'uma corda, recomendava que lh'a fossem largando, e lançava-se ao mar com ella atravessada nos dentes.

Houve então dez minutos d'uma anciedade indescritivel e oppressiva.

Na praia todo o alarido cessou como por encanto, e aquelles centenares de olhos estavam fixos num ponto, que as vagas ora encobriam ora balouçavam no dorso encrespado, mas que se aproximava constantemente do barco perdido! As mulheres sentiam as crispações do enthusiasmo religioso que as envolve na missa em dia de festa, quando os sons do orgão reboam como um côro de anjos pelas naves do templo, e aos homens parecia-lhes que o vento, que lhes revolvia os cabellos, lhes enchia o peito d'uma vida desconhecida e vigorosa. I

A anciedade começava a ser afflictiva quando finalmente o Thomé Ronca, a alguns metros apenas do barco, atirou certo com a ponta da corda aos naufragos e continuou a nadar para elles. Na praia houve uma explosão triumphal de alegria e de enthusiasmo. Ás raparigas solteiras acudiu-lhes indistincta e confusamente á imaginação a ideia se o Thomé Ronca seria casado, e os homens sentiram uns vagos ciumes d'aquella intrepidez heroica.

O Thomé Ronca agarrou-se emfim ao barco, içou-se para dentro e, d'ahi a um instante fez signal aos de terra para que puxassem.

Passados alguns minutos o barco estava varado na costa e salvos todos os tripulantes. O Thomé Ronca foi levado em triumpho até á primeira taberna, e ahi, depois de mudar de roupa, bebeu socegradamente um vintem de aguardente, e sobre um bocado de brôa meia canada de vinho.

Ficou como um rei, e d'ahi a duas horas seguia viagem para Lisboa tão indifferente e humilde como qualquer dos seus descalços companheiros.

Quando chegou a Lisboa começava então a germinar no cerebro do sr. José Silvestre Ribeiro a grandiosa idéa, hoje realisada, da sociedade protectora dos animaes, nos quaes se não incluem os homens e particularmene *os pescadores valentes*.

D'outra vez o Thomé Ronca, ja arraes, embirrou em querer ir ao mar, apesar da companhia offerer resistencia a isso por ver o mar muito picado. O Thomé Ronca conseguiu convencel-os despejando sobre elles toda a casta de injurias grossas, chamando-lhes mulherengos e exhibindo em tom de mofa o seu argumento predileto: que o barco era de taboas e que as taboas não iam ao fundo. Lançou-se o barco ao mar, com mil diabos, entre um praguejar e um berreiro infernal.

Sabe-se que os barcos da costa de Ilhavo não tem leme nem aparelho para vela. A direcção é dada ao barco pelas cordas da propria rede que elle leva dentro. Na ida para o mar a ponta de uma das cordas fica bem amarrada em terra, e o arraes, que vai em pé á popa do barco, desenrola a corda á medida que este vai avançando, dando voltas com ella na bica da ré, quando o quer aguentar contra o impulso das vagas ou para as esperar a distancia conveniente. Percorrida a distancia medida por esta primeira corda, é a rede lançada ao mar, e na volta para terra è a segunda corda da rede, que serve do mesmo modo que a primeira, de governo, tendo por ponto de apoio a propria rede, que fica ao largo e que *só é* começada a puxar depois que o barco está encalhado em terra. O trabalho do arraes, o mais melindroso e o de mais responsabilidade, consiste em dar a tempo as voltas com a corda na bica da ré, sustentando o barco ou deixando-o avançar pelo impulso dos remos, segundo as exigencias da vaga.

Naquelle dia o Thomé Ronca descuidou-se um segundo, não reparou bem n'uma onda, e, julgando-a menos puxada, deu apenas uma volta na bica. A onda, porém, foi temerosa, ergueu o barco a uma altura enorme, cavou-lhe á prôa um abysmo, para o qual o barco começou a resvalar, fazendo correr a laçada singela da bica.

O perigo era eminentissimo, porque a alguns metros de distancia erguia-se já outra vaga enorme, que rebentaria como um diluvio sobre o barco submergindo-o! O Thomé Ronca comprehendeu n'um lampejo o perigo da situação, agarrou a corda com toda a potencia dos seus musculos de bronze, por já não ter tempo de dar segunda laçada, e sustentou o barco no declive! A corda ainda resvalou alguns centímetros, mas a onda quebrou um pouco á frente da prôa, passando fumegante de espuma por baixo do barco, que a galgou como uma gaivota, embalando-se-lhe no dorso arripiado e colerico.

Estava passado o perigo e o barco continuou a avançar para o mar sem outro transtorno.

Transposta a *pancada* do mar o arraes pediu a um dos da companhia que fosse para a ré, e então viu-se o que sucedera, a corda, ao resvalar, quando o arraes com mais força a segurava, tinha-lhe levado a pelle das mãos; elle sentira a dor cruciante da corda a morder-lhe as carnes em sangue, mas não contrahira um musculo da face, nem deixára afrouxar a corda um segundo, aliás estavam todos perdidos.

Nos estaleiros de Aveiro e de Ihavo constroem-se uns barcos de fundo chato, muito apreciados, dos pescadores do Tejo e que vão para alli por mar, carregados de sal ou de madeira, tripulados apenas por dois homens, que levam por único instrumento nautico um relógio de sol de trinta réis. Chamam a estes barcos *enviadas*.

Um dia o Thomé Ronca, com o auxilio de algumas moedas que pediu emprestadas, comprou uma *enviada*, carregou-a de sal, arranjou um companheiro de viagem, o João Chinha, e deliberou levar o barco ao Tejo.

A *enviada* sahiu de madrugada da *Malhada* de Ihavo e dirigiu-se para a barra a fim de esperar ali a maré e vento favoravel. Eram oito horas da manhã quando o Ronca e o Chinha chegaram ao *forte* da barra de Aveiro. A maré estava quasi em preamar, mas um vento fresco de oeste, ponteiro á barra, empedia a sahida da *enviada*, que só pode navegar para Lisboa com um bom vento norte. O Ronca ficou desesperado com o contratempo, mas deliberou esperar pelo vento, visto que não tinha outro remedio. O João Chinha notou porém que lhe tinha esquecido a almotolia com o azeite, tempero indispensavel a um pescador, e propoz ao arraes para ir a Ihavo buscar-a n'uma carreira. O Thomé Ronca concordou e o Chinha partiu para Ihavo a buscar o azeite.

Passada meia hora e quando a maré já começava a descer, o vento rodou para o norte, o Thomé Ronca meditou dois segundos no caso, rogou duas pragás pela demora ao Chinha, que ainda não tinha tempo sequer de ter chegado a Ihavo, esperou impaciente mais tres ou quatro minuto, e depois tranquillamente e resolutamente poz todas as cousas em ordem: amurou a vela, prendeu-lhe a ponta da escôta, içou-a no mastro, collocou-se ao leme e sahiu barra fóra, sósinho, caminho de Lisboa, onde aportava d'ahi a dois dias!

Quando o Chinha, ás 10 horas, voltou á barra e soube que o arraes tinha sahido sósinho com a *enviada*, limitou-se a dizer, depois de dois segundos de pasmo:

-O raio do *home* quer dar cabo da *enviada*! Como diabo ha-de aquelle malvado governar-se sem azeite?

E voltou para Ihavo, apprehensivo, meditando nas dificuldades em que o arraes se havia de ver... sem a almotolia!

Estes e outros actos de heroismo tranquillo e despretençioso formaram em volta do Thomé Ronca uma atmospheria de inviolabilidade que o *tornava* absolutamente respeitado e obedecido entre todos os pescadores da Costa Nova e particularmente entre os homens da companhia. Por mais accessa e descomposta que estivesse a altercação, ou mais travada a desordem, em chegando o Thomé Ronca todos se accommodavam porque o Thomé pegava num homem pelo peito, agarrando-lhe só com uma das mãos á camisola, e atirava com elle pelo ar a dez passos de distancia deixando-o estatelado e sem accordo na areia.

Numa noute entrou elle n'uma taberna em Ihlavo para beber meio quartilho. Na taberna estavam uns oito ou nove pescadores da companhia do Gallo, que andava em rivalidade com a companhia Nova, de que o Ronca era arraes. O Thomé Ronca conheceu o perigo da situação, mas avançou tranquillamente para o mostrador da taberna pedindo meio quartilho. Entre os circunstantes estabeleceu-se um silencio ameaçador, cortado apenas por alguns monosyllabos duvidosos e aggressivos. A taberneira percebeu tambem o perigo, empalideceu e ficou sem coragem para ir tirar o vinho

- Então você fica-se ahi pasmada, tia Maria? Dê-me cá meio quartilho, com um raio de diabos, praguejou o Ronca, senão tiro-o eu da barriga a estes bebados que você aqui tem.

A esta provocação os assistentes ergueram-se ameaçadores, e um d'elles foi fechar a porta da taberna, para alli esfaquearem o arraes. Este deu um salto para a porta, agarrou no homem que a fechara, atirou com elle como uma pella por cima do mostrador contra as pipas, tirou a chave da porta, meteu-a no bolso, sacou de alli uma navalha, que deu trez estalos secos e metálicos ao abrir-se e disse a sorrir-se como uma hyena para o grupo:

- Agora é que se vae ver quem são os homens. Vocês, seus malandros, sahem d'aqui quando me tirarem a chave do bolso, ou saio eu sósinho depois de os deixar ahi estendidos n'esse chão, cosidos a facadas. Vamos a isto!

E á luz enfumada e oscillante da candeia, a navalha cintillava-lhe na mão direita fria, hirta e ameaçadora como a lingua d'uma serpente.

Os da taberna pediram misericórdia, assegurando ao arraes que ninguem lhe queria fazer mal.

-Então para que fecharam a porta? .

-Ora fiquem sabendo que não são vocês que brincam comigo, e que a primeira vez que tornem a perder-me o respeito, eu migo-os a facadas, como quem miga salada.

E sahiu pela porta fóra tão tranquillo e direito como tinha entrado.

II

Esta natureza heroica e brutal tinha porem um domador: era a mulher, uma d'aquellas formosas mulheres de Ilhavo, levemente morena, de cabellos pretos, olhos escuros e doces, dengosa e meiga, e tendo na voz, avelludada e clara, aquellas entonações rythmicas, peculiares a quasi todas as bellas populações da nossa costa maritima.

O arraes sentia pela mulher um d'estes amores que o povo chama cegueiras, e que são com effeito a fascinação de todos os sentidos.

A mulher, com o superior instincto de todas as mulheres, tinha a consciencia d'este amor do marido, e sentindo-se como envolvida na atmosphaera protectora de uma paixão ampla e profunda, possuia a alegria communicativa e luminosa que nos dá a plenitude da vida.

Nos poucos dias que o mar ou o trabalho da companhia lhe permittiam ficar em casa, o Thomé Ronca não consentia á mulher o minimo serviço. Era elle que lhe accendia o lume que lhe ia buscar a agua á fonte e que lhe cosinhava a caldeira. A mulher limitava-se a varrer a casa e a ralhar com fingida indignação ao marido por elle se intrometter n'estas cousas, que não eram da sua conta.

-Ora sempre és bem *confiado*, dizia a mulher ao arraes, tentando inutilmente tirar-lhe a caldeira das mãos. Quem vir isto ha de dizer que eu sou uma mariola, que até preciso que o homem me faça o comer. Vae-te d'aqui! Ora o enguiço!

-Chama ahi a visinhança a vêr se tu e toda ela são capazes de me tirar a caldeira d'esta mão. Vae fiar na roca, que para pouco mais tens força. Olha a aranha! Arreda-te d'aqui, Senão metto-te dentro da caldeira e cosinho-te para o jantar como quem cosinha um carapau.

Havia porém uma pequena nuvem no céu azul d'esta tranquillidade domestica, nuvem que as circunstancias converteram em cerração e mais tarde em temporal desfeito. O arraes, ao contrario do que se dá na maioria dos homens do mar, tinha pelas cousas de religião uma indifferença olympica e por vezes aggressiva. Não ia á missa nem se confessava; e quando por acaso a mulher o increpava por estas faltas, taxava os padres de *malandros* e a missa de *geringonça*. Radicaram-n'ó n'este voltairismo inconsciente as patifarias de um padre que conhecera, ao tempo em que requestava a mulher com quem casara, e á qual esse padre ousára fazer no confissionario perguntas indecentes e propostas infames, que a noiva lhe contára por alto enrubecida de vergonha e de indignação.

O Thomé tinha querido logo d'alli ir esfaquear o padre; e foram precisos todos os rogos e todas as

lagrimas da noiva para o padre ficar com as costellas direitas náquelle dia.

Conservara, porém tal asco ao padre que o não podia vêr sem empallidecer, e um dia que o encontrara n'uma das ruas de Ílhavo, em occasião em que a rua estava pouco concorrida, aproximara-se d'elle e dissera-lhe a tremer de raiva recalçada:

- Eh! seu padre Antonio! Você sabe o que perguntou no confissionario a minha mulher, quando ella era ainda minha noiva? Para seu bem e meu peço-lhe que se livre de se encontrar comigo em sítio de geito, porque eu abro-o com uma navalha como quem âbre uma cavalla. Lembre-se d'isto, porque eu não quero pagar por bom um maroto como você é.

O padre já não ouvira as ultimas palavras d'este discurso pouco academico; porque, mal tinham explodido as primeiras palavras, o padre percebera immediatamente que o melhor era ir andando.

Não tinha inclinação para o martyrio este santo.

Em Aradas, povoação a 5 Kilometros ao norte d'Ílhavo, appareceram um dia tres missionários a resgatar as almas da perdição mundana á força de berros, de ineptias, de confissões, de rozarios, de livros de missões e de *correias* de Santo Agostinho, outros tantos artigos de commercio rendoso, de que o fisco ainda não tomou conta.

A fama das virtudes dos missionarios e dos beneficios espirituaes das sua confissões correu por todas aquellas povoações com a rapidez d'um terror sagrado. A imaginação popular, a inexgotavel geradora do maravilhoso, creou em volta de cada missionário uma lenda mystica, cheia de doçuras celestiaes e de promessas de salvação eterna. Aquelles *santinhos* alimentavam-se a pão e agua e dormiam vestidos sobre a terra fria, tendo por cabeceira uma pedra dura.

Um *livre pensador de Aradas* averiguou do caso e soube que os missionarios dormiam, como cerdos replectos, em excellentes colchões de folhelho de milho na casa onde estavam hospedados, e que os seus jejuns se limitavam simplesmente e precisamente á abstinencia da agua e do pão duro. O mais comiam tudo, desde o naco do luzidio toucinho indigesto até ao lourado peito de Perú e a mais saborosa perna de vitella marenhõa. Beber é que só bebiam vinho... Coitados, uns santos! Pelo menos era o que o povo, esta eterna besta mansa, acreditava.

A mulher do arraes, a instancias d'um rancho de vizinhas, foi ás missões de Aradas num dia em que o Thomé tinha ido para a Costa Nova. E impressionada com a rethorica apopletica e com a gesticulação abundante e desordenada de um dos missionarios, pediu-lhe uma confissão geral, que, attenta a peregrina formosura da requerente, lhe foi logo concedida.

A mulher do arraes, entre outros peccados de menor tomo, confessou que o marido não ia á missa nem se confessava, e, fulminada de terror sagrado, ouviu o missionario negar-lhe a absolvição por viver em peccado mortal com um impio sem religião nem temor a Deus. Á força de lagrimas e de rogos, conseguiu porém que o padre lhe deitasse a absolvição com a promessa formal e solegne de, ou de converter o marido á santa religião, obrigando-o a ir á missa e a confessar-se, ou a separar-se d'elle para sempre.

Assegura-se aos ingenuos que estes factos, afóra as circumstancias do local, são perfeitamente authenticos.

Ha por ahi uns sujeitos que conscios das proprias necessidades, alvoram a religião em freio, e que hão de talvez acoimar-me de phantasiozo e jacobino, dando como falsa e calumniosa a exigencia do missionario. N'este ponto declaro que sou simplesmente e strictamente verdadeiro.

Mas Vamos ao conto.

O leitor dispensa-me da discripção das scenas ora ridiculas ora tragicas, mas sempre deploraveis, que se deram d'ahi em deante entre o Thomé Ronca e a mulher. O arraes teve ao principio desconfianças de que a mulher estava doida, e começou a tractal-a *com* a paciencia carinhosa com que se tracta um doente caprichoso e querido; mas quando a viu apparecer-lhe um dia com os cabellos rapados e averiguou que tinha feito confissão geral aos missionarios, atinou logo com a causa da sua desgraça.

Pensou sombriamente no transtorno da sua vida de familia, na perturvação irremediavel do futuro,

na perda d'aquelle amor de mulher que elle estremecia como um louco, no constante martyrio que o aguardava d'alli em diante e, depois de cavar alguns dias, como um taciturno coveiro, n'estas idéas, tomou uma resolução selvagem e brutal.

Um dia de madrugada disse á mulher que ia para o mar, vestiu-se socegradamente, considerou a mulher um instante com o coração repleto de lagrimas represas, deu-lhe um beijo rapido, que ella repeliu com um gesto de pejo e de terror, e sahiu pela porta fóra, mas em lugar de ir para a Costa Nova, tomou pelo caminho de Aveiro. Depois, já proximo de Aveiro, dirigiu-se para Aradas, esperou á sahida da igreja o missionario que lhe confessara a mulher, e cujo nome previamente averiguára, e ali, deante de todo aquelle mulherio que beijava ao *santo* a fimbria da batina, n'uma explosão de raiva selvagem e de allucinação sanguinaria, deitou-se ao missionario e deu-lhe dezoito facadas no peito, na cara, nos braços, no ventre, por toda a parte onde o encontrou no furor da sua fascinação homicida, e até que alguns homens, que acudiram ao berreiro descomposto e felino das beatas, o poderam desarmar e manetar.

D'ahi a um anno o Thomé Ronca sahia das cadeias da relação do Porto n'uma leva de presos para a Africa degradado por toda a vida.

A mulher, essa meia idiota e meia allucinada, pede hoje esmola pelas portas, e quando lhe dão dinheiro gasta-o em agua-ardente, e, depois de embriagada, insulta os transeuntes e passa as noites a berrar pelas ruas obscenidades repugnantes.

O rapasio apedreja-a, e leva-a a um extraordinario ponto de irritação chamando-lhe em berros e em guinchos – *Sarabéca!*

(Alexandre da Conceição)